



A concepção de uma educação “para além do capital”: o fator da emancipação humana

Luka de Souza Oliveira

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir filosoficamente a educação a partir da perspectiva do filósofo marxista István Mészáros. Mészáros sempre militou em defesa de uma educação que oferecesse possibilidades concretas de libertação para a classe trabalhadora. Em sua tese, ele sustenta a prática educativa como um caminho para libertação do indivíduo - que se encontra alienado pelos determinismos da lógica do capital. Dessa forma, a educação - para além da lógica do capital, é uma prática educativa, onde o educador cria possibilidades para o seu educando se libertar da alienação promovida pela ideologia neoliberal. O processo de uma educação crítica é recíproco, pois à medida que o educador forma condições para libertar o seu educando da alienação, ele - o educador, no processo de ensino - aprendizagem também desenvolve sua consciência. Por isso, pensar uma educação para além da lógica do capital, é em síntese, pensar uma educação integral, pautada em uma teoria crítica que possibilite de maneira objetiva e material a emancipação dos indivíduos. De acordo com a concepção de Mészáros, os indivíduos se encontram em um processo alienado pela ideologia neoliberal, ideologia esta que mistifica a realidade e todas as pautas se baseiam na lógica do capital, ou seja, há um maior privilégio pelo desenvolvimento financeiro do capital em detrimento do desenvolvimento humano e por isso, as pautas sociais são esvaziadas ou completamente ignoradas, como por exemplo na educação liberal tecnicista, concepção pedagógica herdeira do positivismo, o processo educacional se pauta pelas exigências da sociedade industrial e tecnológica, ou seja, uma produção educacional que visa o desenvolvimento da mão de obra qualificada. Sob o prisma da educação liberal, o processo educacional se torna um bem de capitalização privado. Desta maneira chegamos à necessidade da emancipação humana. Em

seu Livro Educação para além do Capital, Mészáros expõe que a lógica do capital é incorrigível, o Capital é irreformável porque pela sua própria natureza, como totalidade reguladora sistêmica, é totalmente incorrigível. Logo, devemos superá-lo. Segundo Mészáros, só um amplo movimento de massas radical e extraparlamentar pode ser capaz de destruir o sistema de domínio do capital, que promoveu no desenvolvimento da sociedade a exploração do ser humano pelo próprio ser humano, desigualdade social, miséria, conflitos políticos, guerras culturais e etc. Nesse contexto desumanizado, a educação defronta-se com uma tarefa desafiadora: Refletir a vida social e emancipar o indivíduo de toda alienação promovida pela lógica incorrigível do capital. A aprendizagem é a nossa própria vida, por isso se faz necessário pensar a educação da perspectiva da luta emancipatória onde o objetivo da educação é entender como um processo de desalienar-se, criticar, decifrar, investigar e transformar. É por isso que é necessário romper com a lógica do capital para atingir a emancipação do indivíduo na sociedade. Não é possível fazer uma análise da crise educacional ignorando os problemas da decadência ideológica e do controle estrutural da lógica do capital, que aflige todos os setores desta discussão.

Palavras-chaves: Educação. Capital. Emancipação. Filosofia

Introdução

Pensar o ensino da filosofia é pensar a formação humana, a autonomia de ideias e a emancipação do ser humano. Porém, como isso é possível em uma realidade social na qual o indivíduo reificado (ou seja, alienado), não consegue ou simplesmente não tem condições materiais e sociais para se enxergar como ser humano?

Sabemos que a educação é um processo de humanização. Ela não deve apenas moldar sujeitos, mas sim transformá-los em sujeitos críticos transformados e transformadores. Desde a Grécia Antiga se pensa em modelos educativos e sempre foi uma preocupação do ser humano propor uma educação e um modelo que proporcione o desenvolvimento da sociedade.

Entretanto, ao longo dos séculos e com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, o homem tornou-se mais ambicioso e seletivo, e claro, com as inúmeras transformações sociais, novas dinâmicas e modelos econômicos, foi muito natural para esse homem, explorar seu semelhante. E assim, desde a formação da civilização antiga até os dias de hoje, notamos o fato social e cultural do homem explorando o homem, a fim de gerar riquezas. Essa dinâmica gerou novas sociedades patológicas com indivíduos alienados, desigualdade social, miséria, conflitos políticos, guerras culturais e tudo isso para alimentar a lógica do capital, que sob o esqueleto da

educação pode se desenvolver. Neste contexto desumanizado, a Educação foi-se tornando apenas uma mercadoria para a elite dominante e uma utopia, para aqueles que nunca puderam conhecê-la.

É tarefa da filosofia da educação refletir sobre os processos culturais e educativos da sociedade, sem abandonar a materialidade da história e buscando a transformação integral do modelo de educação. Em seu livro - *Educação para além do capital*, István Mészáros, mostra que educação não é mercadoria e, para pensarmos a sociedade e o desenvolvimento dela, precisamos superar a lógica desumanizadora do capital, que visa no indivíduo apenas a individualidade e a competição. É importante compreendermos que a Lógica do Capital só funciona no modo de produção capitalista que é amplamente difundido dentro da Ideologia Neoliberal.

Mészáros, sempre militou em favor de uma educação de qualidade e acessível a todos. Ele sustenta em sua tese a necessidade de práticas educacionais emancipatórias, que permitam aos educadores e educandos trabalharem práticas pedagógicas com um olhar para mudanças necessárias na construção de uma sociedade sem a lógica do capital, sem a exploração do indivíduo, sem a exclusão social e segregação. A filosofia e análise de Mészáros, ensina que educar não é apenas transferir conhecimento, mas conscientizar o testemunho de vida e libertar o ser humano do determinismo da alienação. A proposta do presente artigo é refletir o fenômeno educativo e a emancipação humana, a partir das ideias do filósofo marxista húngaro, István Mészáros, ou seja, ir para além da lógica do capital.

1. Gênese da teoria crítica e da lógica do capital

Há muitas abordagens possíveis para a filosofia da educação. Neste artigo, iremos nos concentrar na abordagem crítica, ou seja, aquela que se concentra a partir dos parâmetros do materialismo histórico - dialético, proposto inicialmente por Karl Marx (1818 - 1883) e Friedrich Engels (1820 - 1895) e retomado pelos teóricos da Teoria Crítica. Entretanto, se faz necessário, um breve comentário do modelo de educação e política liberal. De maneira geral, o liberalismo é a teoria política e econômica do capitalismo, essa mesma ideologia desencadeou um novo modo de pensar e agir nos campos econômico, político e cultural. O capitalismo defende a economia de mercado e a redução da intervenção do Estado, e por isso, a defesa da propriedade privada dos meios de produção. O modelo liberal de educação tem suas vertentes desde o século XVII e se estende até John Dewey no século XX. Os liberais conceitualizam o mundo e a educação a partir do desenvolvimento social, e este viria do individualismo, da liberdade, da propriedade e da igualdade. Sob o capitalismo, todos “são livres e proprietários”, cada um é proprietário de sua própria vida, o

sucesso de cada indivíduo garante o crescimento da sociedade, todos são iguais perante a lei e a todos são oferecidas igualmente, oportunidades, estes são conceitos comuns e muito valiosos para os liberais clássicos e neoliberais. Ambos conceitos citados, foram fundamentais para o desenvolvimento da lógica do capital, que fundamenta não apenas a educação liberal, mas também a concepção de estrutura econômica de uma sociedade capitalista. É interessante notarmos que, embora o liberalismo aspirasse a democracia, desde cedo foi acentuado um caráter elitista da ideologia liberal, visto que na sociedade civil, apenas os proprietários de fortuna teriam capacidade de conhecimento e racionalidade para decidir os destinos da comunidade, ou seja, apenas os ricos eram considerados plenamente cidadãos, logo, a educação liberal reflete os interesses da burguesia. As concepções liberais de educação refletiram nas tendências pedagógicas do século XX. De maneira geral, os valores do liberalismo e neoliberalismo foram pautados em algumas filosofias, que foram principalmente criadas pela elite burguesa de sua época. Dentre essas filosofias, se destacam a influência do pragmatismo e do positivismo. O indivíduo deveria se preparar para uma sociedade dinâmica que está em constante transformação. O filósofo Norte-americano John Dewey (1859 - 1952) compreendia que o conhecimento é uma atividade voltada para a experiência. Para ele, a vida, experiência e aprendizagem não se separam. Os positivistas compreendiam que o objetivo da educação era se adequar às tendências do mercado e da industrialização. O conteúdo a ser transmitido em sala de aula deveria atender às exigências da Sociedade Industrial, logo, a educação tecnicista coloca uma maior ênfase na produção de mão de obra qualificada.

Em 1848 Marx e Engels se opuseram ao idealismo burguês e ao liberalismo clássico da sociedade burguesa, que tinham como prisma, os conceitos liberais que foram acima citados. O método proposto por Marx e Engels, contrário à metodologia liberal, influenciou tanto na época, como posteriormente, o desenvolvimento de novas concepções de realidade. Compreende-se pelo materialismo-histórico dialético, que a sociedade burguesa e o liberalismo clássico mistificam a realidade, coloca o proletariado, a classe trabalhadora, em situação de penúria e exploração, enquanto a classe burguesa, a elite, se abastece desta exploração. A oposição das teses liberais, se dá, inicialmente pelo conceito de “igualdade”, que, segundo a análise do materialismo histórico, não existe, visto a situação de exploração e desigualdade social. A “liberdade” burguesa, apenas contribuiu para a escravidão do proletariado e a mercantilização do indivíduo e a “propriedade”, apenas acentuou a desigualdade e a exploração da natureza para o enriquecimento da classe burguesa. Dessa forma, as críticas propostas por Marx e Engels são objetivas: Não são as ideias que movem o mundo, mas as condições materiais da existência humana. E sob esse materialismo, Marx mostra que a realidade está em 2 níveis. A *Infraestrutura*, ou seja, as relações de produção de uma

sociedade, que forma a sua economia e a *Superestrutura*, o Estado, o direito e a estrutura ideológica das instituições. Marx diz que a Infraestrutura determina a Superestrutura, a base material econômica determina a maneira de pensar e querer dos indivíduos. Nas palavras de ARANHA (2006, p.197):

Sob o ponto de vista do materialismo dialético marxista, a educação (como as demais expressões da superestrutura) encontra-se na dependência das forças econômicas vigentes na sociedade, por isso seria ilusório pensar que podemos mudar as estruturas sociais por meio da educação. Para Marx, o cidadão novo só nasceria após a revolução social e política, ou seja, com a implantação de uma sociedade na qual não houvesse divisão de classes.

Na busca de uma igualdade que permanece, o marxismo crítica à sociedade dividida em classes, a lógica do capital e se contrapõe ao modelo de educação individualista neoliberal. No sistema do Capital, a educação é apenas uma mercadoria, e não uma possibilidade de transformação social. A esse respeito, Gaudêncio Frigotto (2020) diz: “ [...] Ou seja, sem ruptura nas relações sociais que estão sob o controle do sistema do capital não poderá haver mudanças profundas no sistema educacional..”. Em síntese, não basta apenas mudar o modelo de educação, mas todo o sistema que legitima uma educação neoliberal.

Mészáros, ao pensar a educação na perspectiva de emancipação, não pôde de maneira nenhuma abandonar a filosofia e a relação entre educação e trabalho. Para desmistificar a ideologia de uma educação como mera mercadoria, lutar contra a exploração da classe trabalhadora e a transformação ampla e emancipadora do indivíduo, Mészáros, tomou como base os conceitos do materialismo dialético, e trouxe reflexões para os educadores que não querem apenas reformar o sistema do capital, mas ir além dele.

Conforme Mészáros (2005), o capital é irreformável porque pela sua própria natureza, como totalidade reguladora sistêmica, é totalmente incorrigível. Logo, devemos superá-lo. István Mészáros, já tinha esse conceito em mente quando empreendeu sua monumental obra filosófica, o *Para além do capital - uma teoria de transição*. Aluno e colaborador de György Lukács (1885 -

1971)¹, Mészáros, levou adiante o legado de seu professor em elaborar o capital de nossos dias, e, ao analisar a crise estrutural da educação e do capital, está cada vez mais profunda, sendo visível o espectro da destruição da humanidade. Dessa forma a atualidade histórica e filosófica do materialismo histórico - dialético, permanece atual até os dias de hoje.

Mészáros expõe a lógica incorrigível do capital, estrutura seu sociometabolismo e seu sistema de controle no âmbito extraparlamentar, qualquer tentativa de superar este sistema de sociometabolismo que se restrinja à esfera institucional e parlamentar está impossibilitada de derrotá-lo. Logo, só um amplo movimento de massas radical e extraparlamentar pode ser capaz de destruir o sistema de domínio do capital.

Ao estudar a lógica do capital, Mészáros entende que a superação desta lógica é uma necessidade urgente, porém, é necessário reavaliar de maneira crítica todo o passado. Não basta pensarmos e discutirmos educação, sem antes discutir conjuntura política. Ao ignorarmos a economia política e a materialidade dos fatos, nos tornamos alienados, esvaziados de si próprios e desorientados. A desorientação do indivíduo se torna cíclica e ultrapassa gerações. A dialética de Mészáros, exige que o indivíduo vá além da imediatez dos fatos. Para Marx, o ponto de partida da análise de nossa realidade, parte justamente de um fato ou um dado empírico. Não basta apenas tomarmos conhecimento de um determinado fato, precisamos também submetê-lo a um exame crítico.

Essa é a metodologia de Marx, estudar a relação entre objeto e sujeito. A metodologia de Marx fica evidente ao descobrir o caráter fetichista da mercadoria. É na descoberta do caráter social negativo da Mercadoria, posta pela exploração do trabalhador, que Marx analisa de maneira materialista, como na sociedade capitalista, a realidade é colocada de maneira invertida, ideológica e no fim, são as mercadorias que governam a vida dos homens. Nesse contexto desumanizado, a educação defronta-se com uma tarefa desafiadora: Refletir a vida social e emancipar o indivíduo de toda alienação promovida pela lógica incorrigível do capital.

2. Filosofia da educação: um estudo da alienação no processo educacional

Na introdução de seu excepcional estudo *A teoria da alienação em Marx*, Mészáros afirma que os problemas da Ideologia têm sido discutidos por um longo tempo, mas o interesse por eles tem diminuído.

¹ Lukács foi um importante filósofo e crítico literário húngaro. Lukács foi um dos filósofos marxistas mais lidos do século XX. Sua obra *História e Consciência e de Classe (1923)* e *Ontologia do Ser Social (1984/1986)*, estas duas obras foram profundamente estudadas pelas correntes marxistas e seus respectivos teóricos

Para Marx, o indivíduo alienado é aquele que é expropriado no seu valor de indivíduo, por causa da expropriação ou pela alienação do trabalho. A alienação do trabalho consiste no fato do trabalho ser externo ao indivíduo, dessa maneira, o trabalho não é voluntário, é constrangido, forçado, e isso faz com que o indivíduo se torne um produto, um objeto estranho, vil e sem funções humanas. É justamente pela alienação que o ser humano entra no processo desumanizado do capital. Emir Sader faz um importante comentário no prefácio de *Educação para além do capital* (2005. p.17):

Ao pensar a educação na perspectiva da luta emancipatória, não poderia senão restabelecer os vínculos - tão esquecidos - entre educação e trabalho, como afirmando: digam-me onde está o trabalho em um tipo de sociedade e eu te direi onde está a educação. Em uma sociedade do capital, a educação e o trabalho se subordinam a essa dinâmica, da mesma forma que em uma sociedade em que se universalize o trabalho - uma sociedade em que todos se tornem trabalhadores -, somente aí se universalizará a educação.

O trabalho é a atividade que o indivíduo desempenha com objetivo de transformação da natureza, é a ação transformadora com finalidades conscientes. Maria Lúcia de Arruda Aranha (2006) explica que o trabalho é condição de liberdade, desde que o trabalhador não seja explorado. Quando ocorrem explorações que foram impostas por terceiros, e, ele deixa de buscar satisfação, ocorre o trabalho alienado e a alienação do indivíduo.

A alienação da sociedade, em essência, significa a perda do controle. Marx analisou a alienação em seus *Manuscritos Econômico-filosóficos de 1844*. No livro, Marx constata que a alienação não é uma fatalidade da natureza, mas sim uma condição proporcionada por um tipo de desenvolvimento histórico e uma classe dominante.

A Alienação é a destruição da Razão, é provocada e condicionada pela ideologia dominante como uma maneira de instrumentalizar o indivíduo na sociedade. Logo, a consciência entra em conflito, pois o poder ideológico é um aparato de dominação e determinação, e tendo em vista o modelo educacional que tem como base a ideologia neoliberal, o indivíduo torna-se apenas um reprodutor desta própria lógica. Como foi previsto nos moldes positivistas que reduzia tudo a praticidade isento de criticidade.

É evidente notar que tal modo de produção está relacionado com o trabalho destes indivíduos em

sociedade. De acordo com Mészáros (2016) o trabalho alienado, segundo o conceito marxiano, é inseparável de sua ideia de que a forma social determinada da atividade produtiva, traz a valorização do mundo das coisas ao preço da desvalorização do mundo dos homens. Logo, uma forma de alienação que precisa ser superada, pois é aí que notamos o quanto a educação está na lógica mercadológica, pois analisando por esse prisma, tanto o educador quanto o educando, tornam-se mercadorias.

Ainda na perspectiva de Mészáros (2016), o fundamento da existência humana e de todos os atributos humanos, é a atividade produtiva e esta tem prioridade sobre o conceito de ser humano, não há razão para olhar uma suplantação quando não se é possível de apresentar o trabalho dentro de um quadro de referência histórica, mostrando o processo real, do qual a atividade produtiva com propósito se converte em trabalho alienado. Assim, para analisar a alienação, é preciso de um domínio na análise de teorias e investigar a economia política e os problemas socioeconômicos implicados nela. Não se trata de uma análise puramente econômica, mas antes de tudo, uma análise filosófica e política do indivíduo e a realidade social, objetiva e material que ele está inserido. Conforme Mészáros (2016, p.40) :

A alienação, por conseguinte, é caracterizada pela extensão universal da `venalidade´ (Isto é a transformação de tudo em mercadoria); pela conversão de seres humanos em coisas, de modo que possam se apresentar como mercadorias no mercado (em outras palavras: a “Reificação” das relações humanas); e pela fragmentação do organismo social em “indivíduos isolados” (“*vereizenelte Einzelnen*”) que buscam seus próprios objetivos limitados, particulares, “na servidão da necessidade egoísta”, transformando em virtude o seu egocentrismo no culto que prestam a privacidade.

Desta forma, a análise da alienação pressupõe também uma análise das condições materiais da sociedade. Ou seja, as condições políticas da sociedade. Em síntese, a superação da alienação pode ser positivamente alterada pela intromissão consciente do indivíduo que se enxerga no processo de alienação e para transcender o processo de alienação em si, o indivíduo deve compreender em sua totalidade a realidade social que o mesmo está inserido. Portanto, a tarefa de transcender as relações sociais e culturais de produção alienada, deve ser concebida em uma estratégia educacional crítica. A transcendência positiva da alienação é, em última análise, uma tarefa educacional.

3. Estrutura conceitual de uma educação para além do capital: a emancipação

É importante destacar que uma educação liberal, não é uma educação plural, mas sim, uma educação pautada nos valores da ideologia neoliberal.

Apoiado nos conceitos do filósofo italiano Gramsci, Mészáros afirma que a educação, na sociedade capitalista, tem 2 funções: A produção das habilidades necessárias para gerir a economia e a formação dos quadros, bem como a elaboração dos métodos, do controle político. Ao contrário da educação liberal tecnicista, a educação deve ser pautada na teoria crítica, buscando a emancipação do indivíduo. É no modelo de educação social que o indivíduo participa integralmente do processo de aprendizagem, através da *práxis*.

Diante de tudo que foi colocado, é natural questionar a validade da concepção do modelo de educação crítica, já que no modo de produção capitalista, a ideologia neoliberal trata estes conceitos como utópicos. Acontece que a pedagogia crítica parte de uma análise material objetiva, e não de uma análise idealista. Logo, a estrutura conceitual da educação crítica é a aprendizagem da própria vida. É uma concepção ampla de educação que visa analisar os processos. Uma educação para além do capital, vai justamente na oposição de uma educação tecnicista e mecânica, ela se opõe aos limites da alienação e a lógica do capital. O educador é um agente gerador da emancipação, muito além de um transmissor de informações, como visto na lógica do capital. Nas palavras de Mészáros (2005, p.48):

Sim, “a aprendizagem é a nossa própria vida” , como Paracelso afirmou há cinco séculos, e também muitos outros que seguiram seu caminho, mas que talvez nunca tenham sequer ouvido seu nome, Mas para tornar essa verdade algo óbvio, como deveria ser, temos de reivindicar uma educação plena para toda a vida, para que seja possível colocar em perspectiva a sua parte formal , a fim de instituir, também aí, uma reforma radical. Isso não pode ser feito sem desafiar as formas atualmente dominantes de *internalização*, fortemente consolidadas a favor do capital pelo próprio sistema educacional formal. De fato, da maneira como estão as coisas hoje, a principal função da educação formal é agir como um cão de guarda *ex-officio* e autoritário para induzir um conformismo generalizado em determinados modos de internalização, de forma a subordiná-los às exigências da ordem estabelecida. O fato de a educação formal não poder ter êxito na criação de uma *conformidade universal* não altera o fato de, no seu todo, ela estar orientada para aquele fim.

A escola, na perspectiva da educação para além do capital, é uma instituição crítica, feita para despertar a consciência do indivíduo. Ela deve promover uma educação plural, questionadora, intelectual, estética, investigativa, analítica e com *práxis*, carregada de teorias e conceitos, que são indissolúveis da prática, se não existe uma teoria subjacente, efetiva, a prática perde coerência e intencionalidade.

A emancipação do indivíduo aqui, seria uma consequência do modelo de educação

social, que visa além da própria emancipação, conceitos fundamentais da teoria crítica, como por exemplo valores coletivos, trabalho manual e intelectual e a ligação entre escola e vida, conceitos que são trabalhados a partir da perspectiva crítica e, que descarta as atividades individualistas e competitivas, que são comuns no modelo de educação liberal.

Considerações finais

Neste artigo, foi proposto uma análise da educação e do modelo de educação em geral, norteado pelo trabalho filosófico de István Mészáros, Karl Marx, Friedrich Engels e Maria Lúcia de Arruda Aranha, podemos concluir que diante deste cenário, o objetivo de alcançar uma educação transformadora e emancipatória, virá com a ruptura da lógica do capital. É fundamental olhar para a educação e a relação que a mesma desempenha na realidade social. Falando em termos gerais, a educação e a perspectiva de ensino não podem ficar apenas nas mãos daqueles que valorizam a tradicional educação liberal - burguesa, que segrega a sociedade em classes distintas e fortalece o mecanismo desumano e hostil da lógica do capital.

É preciso considerar a crise da educação a partir de fatores históricos e da relação que a mesma desempenha com os fatores políticos e econômicos, ou seja, suas condições materiais e sociopolíticas. Dirá Mészáros (2005, p.48):

Apenas a mais ampla das concepções de educação nos pode ajudar a perseguir o objetivo de uma mudança verdadeiramente radical, proporcionando instrumentos de pressão que rompam a lógica mistificadora do capital. Essa maneira de abordar o assunto é, de fato, tanto a esperança como a garantia de um possível êxito. Em contraste, cair na tentação dos reparos institucionais formais - “passo a passo”, como afirma a sabedoria reformista desde tempos imemoriais - significa permanecer

aprisionado dentro do círculo vicioso institucionalmente articulado e protegido dessa lógica autocentrada do capital.

E por isso é necessário romper com a lógica do capital para atingir a emancipação do indivíduo na sociedade. Não é possível fazer uma análise da crise educacional ignorando os problemas da decadência ideológica e do controle estrutural da lógica do capital, que aflige todos os setores desta discussão. Desta forma, não basta apenas olhar para as condições da consciência do indivíduo e da crise estrutural da lógica capital, mas sobretudo, deve-se ressignificar práticas educativas a partir do ponto de vista emancipatório e reformular a materialidade do mundo.

A maneira de revolucionar a materialidade do mundo, se dá pela transformação das formas de produzir e reproduzir a vida social, ou seja, o trabalho. Para isso ocorrer, não devemos apenas transformar a educação, mas transformar primeiro a materialidade do mundo.

Referências Bibliográficas

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da educação**. Editora Moderna, 2006, MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. Editora Boitempo, 2016
MÉSZÁROS, I. **Educação para além do capital**. Editora Boitempo, 2005 MÉSZÁROS, I. **O poder da ideologia**. Editora Boitempo, 2004, MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. Editora Boitempo, 2002

Autor:

Luka de Souza Oliveira

Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano, Mestrando em Ciências Humanas pela Universidade Santo Amaro, Pesquisador pelo GECEF (Grupo de Estudos Sobre Cinema e Educação Filosófica) e Professor de Filosofia da rede privada de Guarulhos.

Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/2631404694226650>>